

OS ESTUDOS GRAMATICAIS LATINOS¹

Ismael de Lima Coutinho

“Unmittelbare beziehung auf die Sprache haben die Werke der lateinischen Nationalgrammatiker und Lexikographen” (Friedrich Stolz, *Geschichte der lateinischen Sprache*, zweiter Aufl., Göschen, p. 11, 1922). 2)

Os estudos gramaticais tiveram início entre os romanos, desde quando o filósofo estoíco Crates de Malos, da escola de Pérgamo, foi enviado ao Senado de Roma como embaixador do rei Átalo (168 a.C.), e aí teve de permanecer, por algum tempo, em consequência de um acidente que sofreu, fraturando uma das pernas. Para se entreter em alguma coisa, que lhe tornasse menos penosa a permanência forçada em casa, tomou a si a tarefa de fazer a mocidade romana interessar-se pelos assuntos filológicos. Foi êle, com efeito, quem, em palestras ou lições sobre a língua e literatura grega, despertou o entusiasmo dos jovens patrícios para esse gênero de estudos.

Convém frisar, entretanto, que, mesmo antes de Crates, não eram esses assuntos inteiramente desconhecidos em Roma. Sabemos que censor e cônsul Ápio Cláudio Cego, já no século III, a eles se consagrava, como se verifica das inovações ortográficas que lhe são atribuídas.

Os efeitos da ação exercida pelo filósofo estoíco logo se fizeram sentir, o que se deduz do interesse que poetas, como Ácio (170-90 a.C.) e Lucílio (180-102 a.C.), demonstraram pelas questões gramaticais, principalmente de ortografia. No número dos que sofreram essa influência, pode-se incluir também C. Otávio Lampádio (séc. II a.C.), editor de Névio, cujo poema *Bellum Punicum* dividiu em 7 livros.

Nas indagações lingüísticas, era a etimologia que gozava da preferência dos estudiosos gregos. Nela também se iniciaram os romanos, que se mostra-

¹ Anuário da Faculdade Fluminense de Filosofia – Niterói – 1954.

vam discípulos fiéis de seus mestres de além-mar, limitando-se às vezes a repetir-lhes a opinião, sem nada acrescentar.

A velha contenda que dividiu os filósofos da Grécia em dois grupos, a saber, *analogistas* e *anomalistas*, transferiu-se para o solo itálico, onde encontrou igualmente partidários mais ou menos extremados. Como é sabido, os *analogistas* defendiam o princípio da regularidade dos fatos lingüísticos; os *anomalistas* batiam-se pelo princípio contrário, de que não havia regularidade nesses fatos. Aquêles teve em Júlio César (100-44 a.C.), autor da obra desaparecida – *De analogia*, o seu principal defensor; por este se empenhou Crates de Malos e Lúcio Élio Estilão Preconino. Na disputa tomaram parte, mais tarde, Varrão e Plínio Segundo, que compôs o tratado *Dubii sermonis libri III*, freqüentemente citado pelos gramáticos posteriores.

Urge, entretanto, salientar que os romanos não eram afeitos às altas investigações filológicas, como os gregos. Os seus objetivos foram sempre modestos. Procuravam disciplinar a língua, para que se tornasse um instrumento de fácil manejo. As questões de prosódia, ortografia e sintaxe tomam um largo espaço na obra de seus gramáticos.

Considera-se verdadeiro fundador da filologia latina a Lúcio Élio Estilão Preconino (154-74 a.C.), que foi mestre de Cícero e de Varrão. Antes deles, era a gramática mero instrumento de investigações lingüísticas, a serviço do texto. Foi ele, em verdade, quem a tratou como ciência autônoma, com objeto formal próprio. Revelou-se ainda um erudito comentador de antigos documentos latinos em prosa e verso, como o *Carmen Saliare*, a *Lex duodecim Tabularum* e as comédias de Plauto.

O interesse pelo estudo da língua latina cresce à proporção que o poder romano se dilata, o povo se civiliza e se enriquece a sua literatura. A partir do Império, o número dos gramáticos se avoluma e, nos últimos tempos, é considerável. Já ficou dito que não primavam pela originalidade. Não só se apropriavam das opiniões dos gramáticos gregos, mas também se repetiam uns aos outros freqüentemente.

A primeira obra, consagrada inteiramente ao estudo do latim, entre os romanos, deve-se a Marco Terêncio Varrão (116-27 a.C.), e intitula-se *De lingua latina*, em 25 livros, de que lamentavelmente nos restam apenas 5. Nela trata Varrão de etimologia, declinação, conjugação e sintaxe. Mas é mister assinalar que não é ainda uma gramática completa. A importância de Varrão está em que os exemplos citados são todos extraídos de antigos escritores, servindo assim de fonte para o conhecimento da história do latim. Muito versado em antigui-

dades romanas, fez Varrão bons comentários aos textos arcaicos e é, graças a ele, que sabemos quais as genuínas comédias de Plauto.

Contemporâneo de Varrão e seu êmulo em erudição foi Nigídio Fígulo, autor de uns *Commentarii Grammatici*, de que há sòmente fragmentos, citados por Aulo Gélio e Sérvio.

Sabe-se que Cícero (106-43 a.C.) não foi um gramático no sentido exato da palavra, mas não se pode negar o seu empenho no estudo dos fatos da língua latina. Em suas obras, principalmente no *Orator*, deparam-se-nos preciosas informações sobre assuntos gramaticais.

Na época de Augusto, aparece Vérrio Flaco, natural de Preneste, homem de grande erudição, a quem o imperador confiou a educação de seus dois netos. Compôs um *De orthographia*, que se perdeu, e uma grande enciclopédia, em ordem alfabética, intitulada *De verborum significatu*, em que reuniu um vasto material, interessando ao direito, à política, à religião, à literatura e à língua. Desta obra, que não chegou até nós, foram feitos dois resumos: um, em 20 livros, por Sexto Pompônio Festo, que viveu aí pelo século II; outro por Paulo Diácono, contemporâneo de Carlos Magno (séc. VIII). O trabalho de Paulo Diácono, que chegou até nossos dias, nada mais é, por seu turno, que um simples resumo do de Festo.

Mais ou menos desta época (séc. I), é também Ascônio Pediano, que fez comentários às orações de Cícero, em que procura elucidar a história e a cronologia de suas peças. Deles temos um fragmento.

Do tempo de Tibério e Cláudio, é Quinto Rêmio Palemão, a quem se deve o primeiro tratado completo de gramática. Merece ele, pela sua dedicação aos estudos da língua, um lugar destacado na história da gramaticografia latina. Distribuiu as palavras em 4 declinações, fixou as regras para a correta pronúncia dos vocábulos de acordo com a tradição dos antigos poetas, reconheceu no locativo um sétimo caso, estabeleceu as normas para a *consecutio temporum*, classificou as conjugações segundo os modos verbais. Adepto das idéias de Dionísio Trácio e dos alexandrinos, que aplicou ao estudo das flexões, e cuja terminologia seguiu, tornou-se independente na sintaxe. Embora dele nada nos reste, tal foi a influência de sua obra, que podemos rastreá-la nas citações de todos ou quase todos os gramáticos seguintes.

Sob o governo de Nero, floresceu M. Valério Probo, de Beirute, que publicou pouco, mas deixou muitas observações sobre a língua antiga. Fez edições comentadas de Vergílio, Horácio, Lucrécio, Terêncio e talvez Pérsio. Deste autor nada resta hoje, apenas referências ou citações feitas por Aulo Gélio, Carísio, Sérvio, Pompônio e Donato.

Do fim do século I, é Quintiliano (35-95), natural da Península Ibérica, que escreveu um tratado de oratória, intitulado *Institutio oratoria*, em 12 livros. Esta obra é o fruto de suas observações pessoais, como professor de retórica, em Roma, durante 20 anos. Encontramos nela muitas informações sobre fatos gramaticais, o que nos levou a incluir aqui o seu autor, embora não seja ele propriamente um gramático.

Pertencem à época de Trajano Vélio Longo e Flávio Cáper. O primeiro ocupou-se de questões de grafia, escrevendo o tratado *De orthographia*. Compôs o segundo, além de um trabalho acerca do mesmo assunto, dois tratados, que se intitulam respectivamente *De latinitate* ou *De lingua latina* e *De dubiis generibus*, de que largamente se serviram os gramáticos subseqüentes, entre os quais Crísio e Prisciano.

Ainda do tempo de Trajano, é Lúcio Cesélio Vindex, que escreveu um léxico, em ordem alfabética, intitulado *Stromateus* seu *Lectiones antiquae*, de que só restam fragmentos. Um resumo do seu tratado *De orthographia* aparece em Cassiodoro.

No governo de Adriano, surge Terêncio Escauro, adversário de Cesélio, que escreveu, uma *Ars grammatica* e comentários sobre Plauto, Vergílio e Horácio. Dele só nos chegou o tratado *De orthographia*, que é importante para o conhecimento da pronúncia do latim. Parece haver-se inspirado em Varrão.

No século II, viveu Aulo Gélio, autor da conhecida obra *Noctes Atticae*, em 20 livros, que não é um trabalho gramatical, mas rico repositório de fatos, relacionados com a filosofia, o direito, a história, a literatura e a gramática. Foi escrita durante a sua permanência em Atenas e seus arredores, o que justifica a escolha do título. Produto da vasta leitura de Gélio, assim dos escritores latinos como gregos, contém ela muitas citações de obras hoje inteiramente perdidas e que ficariam no esquecimento, não fosse o seu registo. Foi discípulo de C. Sulpício Apolinário, natural de Cartago, cujo parecer, em assuntos filológicos, cita em vários passos de sua obra.

Sob o governo de Marco Aurélio, viveu Terenciano Mauro, que escreveu em versos *De Litteris*, *De syllabis* e *De metris*. O primeiro desses trabalhos é particularmente interessante pela descrição minuciosa que faz dos fonemas latinos, Serve-lhe de fonte Césio Basso, em que se deve também ter inspirado Atílio Fortunaciano em seu tratado de métrica sobre Horácio, que chegou até nós. Também é digno de menção, nessa época, Mário Plócio Cláudio Sacerdos, que compôs *Artes grammaticae*, em 3 livros, o último dos quais se ocupa de métrica.

Do século III, é o *Appendix Probi*. Trata-se de uma lista de palavras, em que, a par da forma errada, figura a correta. Tem capital importância para o

conhecimento do latim vulgar. Não faz registo de fatos sintáticos. Foi escrito em Roma por um gramático anônimo.

É da primeira metade do século IV Nônio Marcelo, natural do norte da África, que compôs a obra intitulada *De compendiosa doctrina*, em 20 livros, dos quais os 12 primeiros tratam de assuntos gramaticais, os outros são dedicados a antiguidades romana. Tem a forma de um dicionário, e chegou-nos quase completa. É trabalho de muita utilidade pelo grande número de citações de antigos escritores e informações que nos ministra.

Do meado do século IV, é C. Mário Vitorino Áfer, como o próprio nome indica, natural da África, autor de uma *Ars grammatica*, em 4 livros, de que só o primeiro se ocupa de assuntos gramaticais; os restantes são consagrados à métrica.

São dessa mesma época também Élio Donato e Carísio.

Foi Élio Donato o mais conhecido dos gramáticos latinos, na Idade Média. A sua fama era tal que “donato” chegou a ser sinônimo de gramático. É autor de uma *Ars grammatica*, em que se inspiraram todos os tradadistas medievais. Compreende duas partes; a primeira, *Ars minor*, em perguntas e respostas, ocupa-se com as várias classes de palavras; a segunda, *Ars maior*, mais completa, se subdivide em 3 livros, onde se estuda o som, a letra, a sílaba, os pés, os tons, a pontuação, as partes do discurso. A secção final é dedicada à estilística. Esta obra foi comentada por M. Sérvio Honorato, no século IV, por Cledônio e Consêncio, no século V, e por Pompeu, no século VI, Donato escreveu também comentários sobre Terêncio e Vergílio. Foi mestre de S. Jerônimo.

Flávio Sosípatro Carísio compôs uma *Ars grammatica*, em 5 livros, considerada uma das melhores compilações no gênero. Esta obra nos chegou quase completa.

À segunda metade do século IV pertencem Diomedes, Marciano Capela e Sérvio. Escreveu Diomedes uma *Ars grammatica*, em 3 livros, em que se observam largos traços da influência de Valério Probo. Marciano Capela, natural do norte da África, compôs uma alegoria, intitulada *De Nuptiis Mercurii et Philologiae*, em 9 livros. Narra as bodas de Mercúrio com a Filologia, tal como o indica o título. É uma verdadeira enciclopédia, em que aparecem as sete artes liberais, que formavam o séquito do noivo, em cujo número se incluía a Gramática. Cada uma se põe a falar de assuntos que lhe interessam, enquanto aguardam os preparativos para a cerimônia nupcial. Encontram-se aí muitas informações interessantes relativamente à língua. Sérvio foi um comentador e intérprete atilado das obras de Vergílio. Aparece nas *Saturnais* de Macróbio como um dos interlocutores.

No rol dos autores que se ocuparam da língua latina, é de justiça incluir Macróbio, ou melhor, Ambrósio Macróbio Teodósio, natural da África, que viveu

igualmente nesse século, em cujas *Saturnais*, em 7 livros, se encontram referências frequentes a fatos gramaticais. Escreveu também um tratado de verbos gregos e latinos, intitulado *De differentiis et societatibus Graeci Latinique verbi*.

No século V, viveu Consêncio, autor dos tratados *De nomine et verbo* e *De barbarismis et metaplasms*, que são particularmente importantes para o conhecimento do latim vulgar. Parece que se trata de excertos de uma gramática completa, que não chegou até nós. Igualmente do século V, são Cledônio, que foi professor em Constantinopla, e escreveu uma *Ars*, explanando a doutrina gramatical de Donato; e Pompeu, que escreveu sobre a obra do mesmo gramático um *Commentum artis Donati*.

No começo do século VI, aparece Prisciano, professor de gramática em Constantinopla, que viveu no tempo do imperador Anastácio. Escreveu *Institutiones grammaticae*, em 18 livros, obra notável pela soma de ensinamentos que encerra, embora nem sempre originais. Os 16 primeiros livros versam sobre fonética, morfologia, formação de palavras; os dois últimos se ocupam de sintaxe. Para mostrar o interesse que esta obra despertou na Idade Média, basta dizer que se conhecem dela mais de 1.000 manuscritos.

Deste mesmo século é Cassiodoro, homem público de grande cultura, que versou, com proficiência, assuntos de história e de língua latina. Deixou-nos um tratado *De orthographia*.

Fechando a longa série de autores que se ocuparam do latim, é justo que se cite S. Isidoro, bispo de Sevilha, que viveu entre 570 e 630, e o venerável Beda, que morreu em 735. Compôs Isidoro uma obra em 20 livros sobre origens, intitulada *Etymologiae*, dos quais os 11 primeiros são dedicados a assuntos filológicos. Não obstante algumas falhas e erros que se notam nesse monumental trabalho, é ele digno da maior consideração dos estudiosos pelas preciosas informações que dá acerca de palavras, fatos e coisas da Península Ibérica. De menor importância é, sem dúvida, o seu *De differentiis verborum*, em que seguiu as pegadas de Agrécio. É consagrado ao estudo da sinonímia. Não são destituídas de interesse as informações que nos fornece acerca da pronúncia do latim da Hispânia, nessa época.

Escreveu o venerável Beda alguns trabalhos gramaticais, inspirados todos em gramáticos anteriores, principalmente Donato, Carísio e Diomedes.

Dos gramáticos latinos deu-nos Keil uma excelente edição, em 7 volumes, intitulada *Grammatici latini* (1857 – 1880). Higinio Funaioli coligiu fragmentos de gramática desde Ácio até Augusto, que publicou sob o título *Grammaticae Romanae fragmenta* (1907), de que somente apareceu o 1º volume. Como suplemento à compilação de Keil, reuniu Haag os trabalhos dos gramáticos medievais, que publicou nas *Anecdota Helvetica* (1870).

BIBLIOGRAFIA

SUETÔNIO – *De Grammaticis*.

KEIL – *Grammatici latini*, 7 vols., Leipzig, 1857-1880.

H. J. ROSE, M. A., F. B. A. – *A Handbook of Latin Litterature*, 2d. edit., London, 1949.

W. M. LINDSAY – *The Latin Language*, Oxford, 1894.

JOHN EDWIN SANDYS – *A companion to Latin Studies*, 3d. edit., Cambridge, 1943.

MIDDLETON AND MILLS – *Student's Companion to latin Authors*, London, 1896.

ERNSTKIECKERS – *Historische Lateinischen Grammatik*, I Theil, Lautlehre, München, 1930.

F. STOLZ – *Geschichte der lateinischen Sprache*, zweite Aufl., Göschen, Leipzig, 1922.

SCHANZ-HOSIUS – *Geschichte der römischen Litteratur*, 7 vol., München, 1907-1920.

W. S. TEUFFEL – *History of Roman Litterature*, 2 vols. London, 1900.

A. GUDEMANN – *Ver Grammatik*, in *Real – Encyclopädie d. Klassischen Altertumswissenschaft*.

LAURAND – *Manuel des Études Grecques et Latines*, 4 vols. Paris, 1937-1938.

NICOLA TERZAGHI – *Storia della Letteratura Latina*, 2 vols., Torino, 1994.

GINO FUNAIOLI – *Studi di Letteratura Antica*, 3 vols., Bologna, 1949.

FRANCESCO DELLA CORTE – *La Filologia Latina delle Origine a Varrone*, Torino, 1937.

CONCETTO MARCHESI – *Storia della Letteratura Latina*, 8.^a ed., 2 vols., Milano, 1950.

VÁRIOS AUTORES – *Introduzione alla Filologia Classica*, Milano, 1951.

WILHELM THOMSEN – *Historia de la Lingüística*, Edit. Labor, Barcelona, 1945.

WILHELM KROLL – *Historia de la Filología Clásica*, Edit. Labor, Barcelona, 1941.
